“Você (não) faz isso muito bem!”: Caminhos para a escuta das transidentidades.

Jéssica Pingarilho Batista

Introdução: o analista no caso

“O que deve nos guiar é o verbo daquele que fala”
(Rosane Melo, 2023).

Gostaria de iniciar agradecendo o convite para estar aqui, sabemos que o discurso psicanalítico se sustenta a partir de sua transmissão ética, entre – e para além dos – pares, para evitar um funcionamento político, ético e epistêmico que se sustente nos interesses singulares, mas que movimente e se enderece a transmissão para a causa analítica. Nesse horizonte, gostaria de trazer algumas citações de Colette Soler em “Psicanálise, não o pensamento único: história de uma crise singular” (2024) que norteiam a introdução da temática que discutiremos. A primeira citação nos situa: “o psicanalista, na sua prática, trabalha contra o recalque, portanto, a contracorrente” (p.47), o que leva a reflexão de um posicionamento contrário a todo tipo de repressão, violência e desvalidação da singularidade. A outra citação, alerta: “Existem pecados que se tornam mortais para uma comunidade!” (p.105), aqui Soler aponta o pecado de defender um pensamento único, a política do Um, mais adiante, um outro trecho intensifica esse pecado ao afirmar “[...] o pensamento Único só se impõe pelo monopólio do amor” (p.120). Amplio esta compreensão para pensarmos como a violência de gênero se impõe a partir desta política, pela impossibilidade de se haver com a alteridade, com as dissidências, as marcas que nos diferenciam uns dos outros, sujeitos, psicanalistas, etc... Ao nadarmos contra as correntes hegemônicas de uma sociedade colonizada, patriarcal, *cisheteronormativa*, tão adjetivada e cheia de garantias imaginárias, precisamos começar a aprender saber – y fazer - sustentar a marca da alteridade.

Portanto, tendo este norte para nossa prática, que se sustenta numa política (a ética do desejo e a verdade do sujeito), estratégia (a relação transferencial) e tática (interpretação) (Lacan, 1958/1998), é preciso pensar nossa posição diante das dissidências de gênero. Considerar o analista no caso, em termos da especificidade da psicanálise, que não ocupa a lógica academicista, nem medicalizante. Como situar nossa prática sem perpetuar violências e, ao mesmo tempo, não cair no abismo das adjetivações

que também podem ressoar como marcas violentas para o sujeito? Para além da construção de um espaço – *setting* – confortável, é imprescindível pensar de que maneira estamos inclusos nesse setting, nunca neutros, nunca fora do jogo – analítico e da cultura. Será que produzimos segurança em nossos pacientes? Será que conseguimos escutar as dissidências sem cair nas mesmas psicologizações e classificações que tanto criticamos? (Cunha, 2021) O campo da técnica não é meramente fazer conduções clínicas chavões, mas o direcionamento do caso é se incluir ativamente nisso, de maneira a recordar aquilo que sustenta esse manejo. Isso inclui o modo como pensamos cada caso e como estar disposto nessa posição sem generalizações. Nesse sentido, a relação transferencial implica a não-neutralidade, se relaciona com nossas identificações, bem como, de nossa capacidade de estar a par de nossa época, daquilo que se desloca no decorrer do tempo e das transformações da cultura e permite o exercício de reinterprete-la (Lacan, 1953/1998; Agamben, 2006; Visani, 2025).

O desafio de nossa escuta se sedimenta na recusa à patologização das transidentidades e no questionamento e experimentação de direcionamentos possíveis às novas – velhas – formas de existência e subjetivação. Ora o sujeito humano sempre foi dissidente, na medida em que a pulsão é errante e o desejo não é moral, nem religioso, nem normativo, ainda que o tentemos cercear.

Para ilustrar brevemente uma tentativa-aposta de operar por outras vias, trago um recorte de caso que me mobilizou à escrita e que reverbera como uma aposta de operar de outra forma diante das transidentidades e toda expressão de gênero e multiplicidade de manifestações humanas que soam os telefones, apitam as campainhas ou escancarem as portas herméticas de nossa clínica.

A função do caso clínico – fragmentos do Caso Gaara

A intenção de apresentar este recorte de caso é mostrar como construir um caminho de direção de tratamento que possibilite isto que estamos tentando questionar e sustentar de nossa prática, o objetivo de construir, formalizar e transmitir um caso não se localiza na tentativa de elaborar cronologicamente todos os acontecimentos da relação entre analista e analisante, ou traduzir literalmente como ocorreu este processo de análise, mas sim de extrair deste caso uma questão, lacunas, passagens fundamentais e lógicas (Dunker; Ramirez; Assadi, 2017). Portanto, o fragmento que trago a seguir não é a

formalização finalizada do caso, mas o ponto de partida dessa extração, que provocou a reflexão que discutiremos hoje.

Gaara[1], à época com 23 anos, é um homem trans que esteve em atendimento comigo de 2024 a 2026 e chegou por indicação da mãe adotiva. A relação transferencial inicia a partir do que os pais adotivos (o paciente se referia ao ex companheiro da mãe como "*paidrasto*") – também psicanalistas - antecipavam sobre mim: a relação de trabalho e confiança que este opere como uma análise, bem como, do estilo da minha clínica. Gaara chega disposto a falar. Ele e seu irmão são órfãos de ambos os pais biológicos, que morreram quando tinha 7 anos. Relatou já ter feito outros processos de psicoterapia e psicanálise que foram interrompidos, assim como este.

Alguns sentimentos em relação à morte dos pais apontam desamparo e solidão e um certo afastamento da família, ao mesmo tempo em que o kanji que tem tatuado seria uma homenagem à mãe adotiva, que "vem pela mãe", colocando em paralelo tanto o lugar de mãe internalizado: se colocar no lugar dela para cuidar de si mesmo, quanto o lugar de filho / pai: pensar em um futuro filho por vir para cuidar de si mesmo, em algumas sessões relata o desejo de ser pai e traça paralelos entre este desejo e a referência que o *paidrasto* simboliza. Em alguns momentos refere-se a este homem com muito carinho, em outros rivaliza e o destitui. Reclama que o *paidrasto* não faz coisas que a mãe fazia, como pensar nas refeições, aponta aqui aspectos da masculinidade, coisas que mulheres/mães fazem e coisas que homens/*paidrasto*s fazem.

Há um histórico de violências e alcoolismo na família e, enquanto conta desta dinâmica, ri, demonstrando um afastamento dos afetos suscitados inicialmente. Se via passivo diante de tais violências, retirando-se das cenas. Em uma das sessões consegue falar de si como a criança que apanha. Diz que ninguém o confortava – como ele fazia – e que só "chorava até passar", que é o que acontece na sessão. Essas são as primeiras

[1] Nome fictício em alusão a personagem de Naturo cuja mãe morreu no parto. Cresceu isolado, temido e odiado pelos moradores da vila. Aos seis anos, após ser atacado pelo próprio tio (a única pessoa que ele amava), Gaara gravou o kanji de amor (愛) em sua testa, decidindo amar apenas a si mesmo e matar para se sentir vivo. Um escudo de areia que o protege automaticamente de ataques, movendo-se por conta própria devido ao amor de sua falecida mãe. De um garoto cruel e solitário que só acreditava em si mesmo, ele muda após lutar contra Naruto, aprendendo sobre o amor e a importância dos amigos e da vila, tornando-se um líder compassivo e forte. O paciente tem o Kanji do amor tatuado.

referências em relação à família, parentaldiade e refenciais de gênero que Gaara constrói. Desamparos, ausências e violência concomitantes ao amor e acolhimento.

No início do tratamento as questões sobre a transexualidade eram mais demarcadas ele fazia hormonização com testosterona e por vezes relatava sentir-se agressivo, construímos em algumas sessões o que seria essa agressividade e de onde viria, ao que atribuiu que seriam "questões acumuladas". Com o tempo, decidiu que não queria mais se hormonizar pois na verdade não queria "ser homem", no sentido simbólico, e relembra sobre as figuras masculinas que o cercam, os homens da família não prestam, o 'melhorzinho' morreu esse ano. Avó materna dá o diagnóstico: tadinho. Repete o significante 'tadinha' (para a mãe, quando fala da morte do tio, para si mesmo e outras situações. Chamei esse movimento de "O lugar do coitado".

Gaara se colocava constantemente nesse lugar, porém em paralelo relatava sobre a autonomia que o trabalho começava a lhe proporcionar, sobre não precisar pedir pra sair e diz: "Agora posso ir pra qualquer lugar". Falou sobre sentir que a mãe sempre foi invasiva – cuidadosa. Lembra que não ficava sozinho com outros meninos, nem com o irmão, quando "ainda era uma menina". Falou sobre as cobranças que são feitas às meninas – Em paralelo, fala sobre ser homem como opressão – não se vê como homem, nem como mulher, está numa travessia no campo da não-binariedade. Decide deixar de se hormonizar a partir dessa sessão. Falou da adolescência, dos grupos dos amigos (meninos e meninas separados). Sobre a festa de 15 anos: usaria vestido ou calça? Incômodo com o quadril – mais largo que os ombros; incômodo com os seios – Grandes. Começou a utilizar o bynder para cobri-los no início da transição, aos 17 anos. Saiu do armário "retirado" – todos já sabiam, pois era uma menina masculina ou "sapatinha". Mesmo antes de saber que gostava de mulheres. Preferia roupas masculinas pela facilidade de "achar seu tamanho". Sobre o bynder, dizia ter trocado um desconforto por outro. Agora usa tops. Os hormônios auxiliaram na redução do seio e utiliza o bynder com menor frequência: *Uma pergunta surge: A opressão independe do gênero?*

Falou sobre as categorias dentro da não-binariedade. E sobre o binário homem-mulher. Ao trabalharmos a questão "O que é um homem?", a resposta que Gaara encontra é "opressão". Diz que o que o incomoda nos seios a ponto de usar o bynder é que "Se tiver seios, serei mulher", chegamos à uma nova faceta da pergunta: "Mas o que é uma mulher?"

Na sessão seguinte à esta, Gaara falou sobre questões em relação à sua relação com a cidade, com seu lugar no mundo e a vontade de movimento. Associou suas

abstrações sobre a felicidade ao recente namoro, assumido, com anel, flores e pedido vindos da namorada[2], mas logo fala sobre ela como impulsiva e explosiva, diz que ela e seu irmão são similares, mas a relação com ela é diferente, é uma escolha. Faz associações dessa relação com o que vivia em casa, relembra que a avó materna dizia coisas cruéis como sobre ele ser "devolvido" quando fazia tolices e frases como "A menina não podia sair" – "A menina era eu". Associa a melhora do relacionamento com a avó por ter começado a trabalhar – sair da casa. O menino / o espaço entre menino e menina – pode sair e escolher.

Em nossa última sessão antes de uma interrupção da análise que levaria mais ou menos um mês e meio, falou sobre o casamento e a mudança de apartamento de seu *paidrasto* – o que ocasiona um movimento de Gaara por buscar seu próprio apartamento, o que já desejava fazer. Além da mudança o *paidrasto* decide o adotar legalmente,
Gaara diz aos prantos que nunca quis que ele fosse seu pai – interpretei essa negativa como algo que se conectou com o desamparo que sentiu pela mudança de casa, para além disso, falamos sobre o que é ser pai e como ele queria então ser tratado. Havia em jogo algo que não ficou esclarecido, mas ele deu a entender que a esposa do *paidrasto* estava grávida. E que seria mais fácil para o pai amar o feto e tratá-lo bem do que faria com ele, mais um retorno ao lugar de coitado. Aqui interrompe a análise pois alugar um apartamento iria implicar não conseguir sustentar financeiramente sua análise.

Retorna alguns meses depois com diversas mudanças e atuações, por vezes no âmbito da impulsividade, consegue nomear violências sofridas no relacionamento, que se encerrou, tentou fazer ocorrência na delegacia da mulher, mas não sabia se conseguiria ser contemplado pela lei maria da penha, pois "não é uma mulher". Faz uma associação com diversos momentos de reconhecimento que teve do campo do Outro/outro e começou a recordar somente nas sessões. Um deles é o fato de que é o único homem trans em sua turma na universidade, que não há nenhuma mulher, "nem cis, nem trans". Após isso, voltou também a desenhar, começou a dar borda ao corpo que antes via despedaçado e disforme. Aquele corpo que ele não queria que fosse visto.

Relatou sobre o desenho de um robô humanoide que tem a cabeça grande e bem definida, no desenho este robô protege outra pessoa. Aos poucos vai se apropriando de si, cuidando de si. Ainda em meio às reverberações das violências sofridas recentemente

[2] Esse relacionamento foi marcado também por interrupções, o pedido realizado nessa sessão na verdade era um movimento de reatar a relação após um longo tempo desde o último término.

pela ex-namorada, mas bordejando caminhos possíveis para existir. Gaara interrompeu a análise mais uma vez, mas o que se pode extrair de seu caso é o caminho de uma escuta possível às questões das transidentidades que provoquem aberturas, possibilidades de novos caminhos e nomeações para o sujeito. Aponto sua demanda como de reconhecimento, tanto no sentido do campo da sexualidade, não somente ser reconhecido como homem trans, tendo em vista que posteriormente se identifica como não-binário, mas ter legitimada a existência desse corpo na pólis, no laço social, sem ser dessubjetivado. Passou do lugar do coitado que demanda amor pelo sofrimento e violências sofridas ao lugar de sujeito desejante, que pode ser amado e amar dentro de seus próprios limites e apesar do mal-estar. Sai do caminho impossível (de ser amado, de se mudar, de sair) e passa a elaborar estas posições, organizar a casa e o corpo, de maneira que transmitisse um lar, um lugar no mundo, protótipo de algum reconhecimento possível advindo de si mesmo.

Para além, o horizonte

Há muitos elementos do caso que trazem à tona a questão da sexualidade, dos papéis e da transição de gênero. Mas em supervisão, no processo analítico tentei focar nos elementos discursivos e na posição de Gaara. diante de si e do Outro/outro. A brincadeira com o título vem da interpretação do supervisor. “Você não atribui a questão da transexualidade a algo de um trauma ocorrido ou uma resposta aos elementos do caso. E você **(não)** faz isso muito bem!” A diferença de nossa escuta em casos de sujeitos cisgênero e transidentidades é uma única: não atribuir causalidade errônea entre a transexualidade e qualquer diagnóstico estrutural – psicose, perversão ou atribuído ao destino dado a um trauma. Compreendo com Renata Visani (2025) que também estamos em jogo na clínica das dissidências de gênero, nessa articulação entre psicanálise e o social, mais do que pensar sobre essa questão no campo teórico, devemos construir instrumentalização técnica e ética para nos dispor a escutar o sujeito: “O psicanalista que está preso na neutralidade perpetua violências por se manter ilusoriamente acima de qualquer debate concernente a questões sociais da contemporaneidade” (Visani, 2025, p. 179), não é esta nossa função. A questão que esse caso levantou para mim e gostaria de estender a nós como provocação é pensar como nos instrumentalizar para captar as nuances dos atravessamentos do imaginário social no sujeito, sem o estigmatizar e sem também ignorar estes elementos em nome de uma clínica “pura”?

Para Eduardo Leal Cunha (2021) a psicanálise permite instaurar condições clínicas para produção de outros modos discursivos, abrindo a condição para alteridade, sustentar a marca da diferença, a multiplicidade de formas de ocupar um corpo e o mundo. Nossa escuta, portanto, deve operar como nos anunciou Soler, na contracorrente, no contraponto, dissolvendo a pretensão identitária, para construir com o sujeito caminhos de re-narrar o corpo e suas experimentações. Que todo subalterno, abjeto, estrangeiro e desviante possa encontrar em nossos ouvidos escuta ancorada nesta ética para sua fala, que não nos contentemos em aplicar velhos métodos em novas manifestações, mas que sejamos trabalhadores decididos, que reinventam, reformulam, ousam, não nos esmorecer pelas armadilhas da reprodução cega de conceitos e generalizações patologizantes, talvez no caminho de "não fazer muito bem", acabemos por sustentar uma escuta psicanalítica.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. "O que é o contemporâneo?". In: **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Trad. Vinícius de Castro Honesco. Chapecó: Argos, 2013, pp. 55-76, 2006.

CUNHA, E. L. **O que aprender com as transidentidades:** psicanálise, gênero e política. Porto Alegre: Criação Humana, 2021.

DUNKER, C. I. L.; Ramirez, H.; Assadi, T. (Orgs.). **A construção do caso clínico em psicanálise:** método clínico e formalização discursiva. Editora Annablume, 2017.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem (1953).. In: Lacan, J. **Escritos**. Editora Zahar, 1998.

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958). In: Lacan, J. **Escritos**. Editora Zahar, 1998.

VISANI, R. Clínica das dissidências sexuais e de gênero e o mito do analista neutro. In: Junior, Humberto (Org.). **A (de)formação do psicanalista**: do início aos confins da formação. Rio de Janeiro: Editora Ascensão, 2025